



**ALTERIDADE E REPRESENTAÇÃO DO AFRICANO DE PELE PRETA PELO NAUTA  
PORTUGUÊS DO SÉCULO XV**

**Cristiane de A. SILVA<sup>1</sup>; Carlos T. SIEPIERSKI<sup>2</sup>**

**RESUMO**

Este trabalho está em processo de produção e tem como objetivo compreender como o nauta português representou o africano de pele preta em seus relatos e narrativas de viagens. A análise das experiências dos encontros entre os Portugueses e Africanos permite a articulação com o ensino de História na Educação Básica, apresentando aos educadores e educandos o processo da relação entre negros e portugueses anterior ao tráfico de mão de obra escravizada e como o europeu concebeu em seu imaginário o olhar sobre a pele preta, explorando aspectos pouco abordados nos livros didáticos, além de ser uma temática com importantes contribuições para a historiografia que lida com os relatos de encontros fora do contexto americano. Os dados dessa pesquisa foram obtidos por meio de uma revisão bibliográfica de artigos, livros e crônicas que retratam as navegações marítimas portuguesas e os contatos entre portugueses e africanos de pele preta no século XV, sobretudo a crônica de Cadamosto *Navegações de Luiz de Cadamosto a que se juntou a viagem de Pedro de Cintra* e a crônica de Zurara *Chronica do descobrimento e conquista da Guiné*.

**Palavras-chave:** Narrativas de viagem; Imaginário europeu; Imaginário lusitano; Expansão marítima; Olhar do viajante.

**1. INTRODUÇÃO**

A primeira etapa das Expansões Marítimas Portuguesas, iniciadas em 1415 com a tomada de Ceuta e em 1419 com as viagens de descobrimento pelo oceano atlântico, teve como marco final o regresso de Vasco da Gama a Lisboa em julho de 1499, após a circum-navegação do continente africano pelo Cabo da Boa Esperança (BOXER, 2014).

Durante a Expansão, muitos viajantes reproduziram suas experiências pela costa e terras africanas em forma de relatos ou crônicas, demonstrando através do discurso a estranheza e curiosidade dos portugueses cristãos sobre os hábitos dos povos da África. Essas narrativas formam os dois conjuntos discursivos quatrocentistas que mais ajudaram a dar contorno aos indivíduos pretos da África (para os nautas portugueses e posteriormente para seus vizinhos europeus).

<sup>1</sup> UNIFAL - MG - cristianeavilas@yahoo.com.br

<sup>2</sup> ICHL UNIFAL - MG - carlos.tadeu.siepierski@gmail.com



# 9ª Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS

## 6º Simpósio da Pós-Graduação

ISSN 2319-0124

Os portugueses conheciam apenas as regiões ao Norte do continente africano, próximo ao Mediterrâneo, onde viviam povos berberes de pele clara. A África negra permanecia ignota e isolada do mundo europeu. Descobrir-se-ia durante essa etapa da expedição marítima, que a África se estenderia para o sul e era habitada por indivíduos de pele preta.

A cosmovisão que impregnava o imaginário lusitano, anterior aos encontros, relacionava a cor preta ou negra a signos negativos, como por exemplo, nas “Cantigas de Santa Maria” do século XIII, ou nas obras espirituais portuguesas “O Boosco Deleitoso” e O “Horto do Esposo”, ambas escritas no final do século XIV, nas quais o adjetivo “negral” é sinônimo de desgraça ou mau agouro, ou, como o enegrecimento da pele aparece associado à morte (aqui neste contexto é um referente que representava um sistema de cores próprios do código cultural da época) (HORTA, 1991).

Os nautas portugueses frequentes nessas viagens de expansão eram os aventureiros, emissários; peregrinos; marinheiros, missionários e exploradores científicos; eruditos. E assim como existiam variações nas características e intenções desses indivíduos, também variavam seus olhares ao interpretarem o que viam. Esse olhar, ou esses olhares, descritos em suas variadas formas, nas narrativas e relatos de viagens, têm a ver com os modos novos de lidar consigo e com os outros, o que permite a tentativa de entendimento do pensamento característico desse contexto.

De acordo com Agnolin, essas narrativas dos europeus com relação a outros povos eram influenciadas pelo pensamento cristão ocidental, que tem como premissa a ideia de um universalismo. Esse tipo de lógica, comporta a possibilidade da redução do outro (pagão) no mesmo (cristão), ou seja, a redução da alteridade dos povos em contato e sua assimilação pela cristianização (AGNOLIN, 2005).

Levando em consideração essas discussões, como se construiu o olhar do nauta português que tinha como referente o pensamento ocidental cristão característico da época - além de um sistema de significação de cores particular como orientação - durante os primeiros contatos com os negros africanos? Como a alteridade negra africana foi representada pelos viajantes na Literatura de viagens? Como o nauta português representou o africano de pele preta em seus primeiros olhares?

Pensando na proposta do Programa de Mestrado em História Ibérica, no qual essa pesquisa esta sendo desenvolvida, a análise das experiências dos encontros entre os Portugueses e Africanos permite a articulação com o ensino de História na Educação Básica, apresentando aos educadores e



educandos o processo da relação entre negros e portugueses anteriormente ao tráfico de mão de obra escravizada e como o europeu concebeu em seu imaginário o olhar sobre a pele negra.

Outro aspecto da pesquisa é a contemplação da lei 10.639 alterada pela Lei 11.645, que estabelece a obrigatoriedade nos estabelecimentos de Ensino Básico e Superior, do ensino e pesquisa sobre a História e Cultura afro-brasileira e africana, valorizando a cultura e a participação do negro como sujeito histórico. O parecer 003/2004 visa a atender e regulamentar essa lei, afirmando que a relevância do estudo de temas decorrentes da História e cultura afro-brasileira e africana não se restringe à população negra, ao contrário, dizem respeito a todos os brasileiros uma vez que devem educar-se, enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática. Ainda de acordo com o parecer os sistemas de ensino e estabelecimentos de Educação Básica, devem providenciar o apoio sistemático aos professores para elaboração de planos, projetos, seleção de conteúdos e métodos de ensino, cujo foco seja a educação das relações étnico-raciais.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

Como uma primeira etapa do trabalho, foi feito um levantamento bibliográfico, que tem por finalidade elencar todas as referências encontradas sobre os primeiros contatos entre europeus e africanos negros no período da Campanha da África, entre os anos de 1419 e 1499.

Os dados analisados estão contidos em obras e artigos. As obras físicas incluem, entre as principais, *O Império Marítimo Português* de Charles Boxer. *O Confronto do Olhar*, sob a coordenação de Antônio Luiz Ferronha. *A Descoberta de África* de Catherine Coquery-Vidrovich. Entre as crônicas, as duas selecionadas são os relatos de viagem de Cadamosto *Navegações de Luiz de Cadamosto a que se juntou a viagem de Pedro de Cintra* e a *Chronica do descobrimento e conquista da Guiné* de Zurara.

A análise dos dados está sendo feita com base no instrumental da Antropologia que trabalha com os conceitos de Alteridade e Representação, sendo este meu aporte teórico.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa se encontra em fase de produção, porém nos permite afirmar que essas viagens de expansão marcaram momentos fundamentais na formação de uma identidade portuguesa, uma



vez que os contatos sistemáticos com o “outro” - que não era totalmente desconhecido, porém oposto em crenças e valores – tratou-se de uma alteridade entendida como relativa, onde há o conhecimento do outro, mas não há aceitação da sua diferença que era vista como perigosa e danosa para os princípios que direciona o “eu”.

#### 4. CONCLUSÕES

O nauta europeu, no caso o português e seus enviados, ao retratar o africano de pele preta, se utilizam de elementos como analogias e comparações. E quanto mais o grupo ou o indivíduo representado se afasta da *Ecumene*, ou seja, da Europa, mais bestializado ele é retratado. Isso mostra o forte sentimento etnocentrista, onde a Europa é o modelo de civilização e o europeu o modelo de sujeito civilizado. A alteridade é reconhecida, mas a partir do olhar do europeu, o que vai determinar como aqueles sujeitos vão ser assimilados ou não, como iguais ou muito diferentes.

#### REFERÊNCIAS

AGNOLIN, Adone. O apetite da antropologia: o sabor antropofágico do saber antropológico: alteridade e identidade no caso tupinambá. São Paulo: Humanitas, 2005.

BOXER, Charles R. O Império Marítimo Português 1414-1825. Lisboa: Eds. 70, 2014 [1969].

CADAMOSTO, Luis de. Navegações de Luiz de Cadamosto a que se ajuntou a viagem de Pedro de Cintra, capitão português. Tr. do italiano. In: Coleção de notícias para a História e Geografia das Nações ultramarinas que vivem nos Domínios dos Portugueses. Publicada pela Academia Real das Sciencias. Tomo II. Segunda edição. Lisboa. Typographia da Academia. 1867. 17x24,5 cm. 386-II págs. Disponível em: [https://archive.org/details/bub\\_gb\\_R4xPAAAAYAAJ](https://archive.org/details/bub_gb_R4xPAAAAYAAJ). Acesso em: 05/03/2017.

COQUERY-VIDROVITCH, Catherine – A descoberta da África. Lugar da História. Lisboa: Edições 70, 2004.

HORTA, J.S. 1991a. A imagem do africano pelos portugueses antes dos contatos. In: A.L. FERRONHA (coord.). O confronto do olhar: o encontro dos povos na época das navegações portuguesas - séculos XV e XVI. Lisboa, Editorial Caminho, p. 41-70.

ZURARA, Gomes Eanes de. Chronica do descobrimento e conquista de Guiné, escrita por mandado de el Rei D. Affonso V, sob a direcções científica, e segundo as instrucções do illustre Infante D. Henrique / pelo cronista Gomes Eannes de Azurara. Pariz: publicada por J. P. Aillaud: na Officina Typographica de Fain e Thunot, 1841. Biblioteca Nacional de Portugal [online]. Disponível em: <http://purl.pt/216>. Acesso em: 25/07/2016.